

Aula 004 – Habacuque – Capítulo 3

A. UM SALMO DE SUBMISSÃO.

Habacuque 3:1 Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto.

Nesse momento, o dilema de Habacuque finalmente chega a uma solução. Como ocorre com frequência quando seres humanos finitos se aventuram a dialogar com o Deus infinito, a solução para o problema de Habacuque não vem da maneira como ele esperaria. Em vez de Deus anunciar um castigo modesto e controlado ao Israel desobediente, Habacuque ouviu, alarmado, a notícia de extrema devastação. Em vez de uma dura repreensão por sua audácia pessoal em queixar-se, Habacuque recebera uma palavra de conforto, ânimo e segurança.

Então o profeta se viu forçado a reajustar radicalmente o que poderia esperar do Senhor.

A aceitação final pelo profeta do plano determinado pelo Senhor, fornece a resolução necessária da questão entre Deus e Habacuque encontrada nos capítulos anteriores.

Habacuque 3:2 Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações, e me sinto alarmado; aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida; na tua ira, lembra-te da misericórdia.

Nesse momento, o profeta começa seu cântico, um cântico que deve ser repetido pela congregação de Israel ao longo dos anos sombrios, os quais logo começariam a experimentar. A canção vem como uma resposta à revelação dada ao profeta com respeito aos dias vindouros.

Ao adotar essa forma para sua palavra de aceitação com respeito ao futuro, o profeta segue uma tradição tão antiga quanto Moisés. Como o Senhor previa a infidelidade de Israel depois que entrassem na terra, Ele instruiu Moisés a escrever um cântico e a pô-lo na boca dos israelitas como um veículo que visava instruir as gerações futuras.

Deuteronômio 31:19 Escrevei para vós outros este cântico e ensinai-o aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel.

Este cântico não seria esquecido pelas crianças do futuro.

Deuteronômio 31:21 E, quando o tiverem alcançado muitos males e angústias, então, este cântico responderá contra ele por testemunha, pois a sua descendência, sempre, o trará na boca; porquanto conheço os desígnios que, hoje, estão formulando, antes que o introduza na terra que, sob juramento, prometi.

E então, enquanto Habacuque visualiza os corredores do tempo que jazem adiante, ele também compõe um cântico.

Ele ouviu as declarações do Senhor, e o temor invadiu seu coração.

Vários casos no livro de Deuteronômio indicam a naturalidade com que "ouvir e temer" podem ser vistos como uma reação esperada (Dt 13.12; 17.13; 19.20; 21.21).

Porventura Habacuque se sentia culpado de sentir-se trêmulo em razão da revelação que recebera'? Claro que não. Se medo é uma reação natural por ocasião de uma tragédia pessoal, quanto mais compreensível é que o profeta reaja com profundo senso de alarme e medo enquanto é informado de que a nação favorecida do Senhor sofreria total destruição! Mesmo quando é assegurado de que o justo viverá pela fé, ele não pôde sentir outra coisa senão pavor ante o juízo iminente.

Como matéria de fato, a reação negativa do profeta ao ouvir sobre a atividade do Senhor indica que ele aceita como genuína a mensagem que havia recebido.

Neste caso, medo é um importante componente da fé do profeta.

O padrão da oração de Habacuque fornece compreensão da era atual.

De acordo com Pedro, o juízo deve começar pela casa de Deus (1 Pe 4.17).

Esta era atual representa o tempo em que Deus continua a purificar seu próprio povo por meio de muitos juízos punitivos.

Nessas circunstâncias, o crente deve pleitear a promessa de que o Senhor preservará a vida de seu povo a despeito das calamidades temporais.

Entre o tempo do castigo de Deus sobre seu próprio povo e a vinda do juízo final sobre seus inimigos, a súplica deve subir ao Senhor para manter sua palavra e sustentar a vida do crente.

E assim as petições do profeta têm três objetivos:

1. Que o Senhor preserve a vida;
2. Que o Senhor proveja entendimento;
3. Que o Senhor se lembre da misericórdia.

Somente a ação da graça divina nos é suficiente sob circunstâncias calamitosas que o crente há de enfrentar.

Habacuque 3:3 Deus vem de Temã, e do monte Parã vem o Santo. A sua glória cobre os céus, e a terra se enche do seu louvor.

É notável o ponto de onde Deus começa sua aproximação. Não é dos céus, mas de locais muito concretos da terra.

A surpreendente revelação sobre esse Deus é que ele realmente vem. Esta expectativa da “vinda” de Yahweh retrocede aos tempos das antigas palavras de Moisés quando refletiu as glórias da manifestação de Deus no Sinai.

Moisés começou sua profecia a respeito das tribos de Israel observando que:

Deuteronômio 33:2 Disse, pois: O SENHOR veio do Sinai e lhes alvoreceu de Seir, resplandeceu desde o monte Parã; e veio das miríades de santos; à sua direita, havia para eles o fogo da lei.

A ênfase sobre a vinda do próprio Deus como a fonte de esperança para o povo do Senhor encontra apropriadamente sua expressão consumada nas Escrituras da Nova Aliança. Os crentes sofredores são encorajados a reter bem sua profissão de fé, visto que “aquele que vem virá e não tardará” (Hb 10.37). Ao longo de todas as eras, somente a esperança da vinda do Senhor pode dar certeza genuína a seu povo.

Os dois locais designam aproximadamente os limites da jornada de Israel no deserto:

- Temã é geralmente associada com Edom (cf. Ob 9; Am 1.12).
- Parã designa a área do deserto, na região do Sinai e do Egito (cf. Gn 21.21; 1 Rs 11.18; Dt 33.2).

Seja como for, Habacuque descreve Deus em movimento do Sinai até Edom a caminho para a posse da terra para seu povo. Habacuque lembra a experiência passada de Israel como um meio de prevenir a intervenção do Senhor no futuro.

Mas agora, nos dias de Habacuque, o próprio Israel de repente se toma um obstáculo no caminho do movimento divino para dar salvação a seu povo.

Visto que Israel tem agido de um modo persistentemente perverso, eles devem ser removidos do caminho ao longo do qual Deus realiza propósitos redentores.

Habacuque vê a justiça e a santidade de Deus em ação. Com imparcialidade, Ele atingirá primeiro os perversos em Israel e depois os babilônios ímpios.

E assim Ele será estabelecido como o Santo que Vem.

Quão impressionantes teriam sido as novas palavras factuais de Pedro quando declarou à sua geração israelita: “Vós, porém, negastes o Santo e o Justo” (At 3.14).

Ao rejeitar Jesus Cristo como “Aquele que Vem”, Israel selou seu destino para uma destruição ainda mais espantosa que as devastações realizadas pelos babilônios.

Essas manifestações passadas, numa escala limitada, podem ser consideradas como antecipações do grande evento final da glória de Deus:

Mateus 24:27 Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.

Então, todo olho O verá, e a visão de Habacuque receberá seu cumprimento final.

Habacuque 3:4 O seu resplendor é como a luz, raios brilham da sua mão; e ali está velado o seu poder.

De longe, o profeta viu a glória de Deus enchendo toda a terra. Agora o Todo-Poderoso chega mais perto; ele pode ver aqueles pontos de concentração nos quais a essência da glória de Deus se situa.

Em vista das limitações da experiência e linguagem humanas, a indescritível glória de Deus só pode ser retratada em termos de suposição. O elemento mais puro, mais brilhante do universo criado é a própria luz. Então o profeta declara que Deus, em sua vinda, é como a essência da luz. Anteriormente Davi usara esta mesma imagem a fim de representar a vinda de Deus em resplendor e luz para destruir todos os seus inimigos (2Sm 22.13). Assim como os raios do sol penetram toda a terra com seu brilho, também Deus, em sua vinda, irradia uma glória como a da luz mais pura.

Esse poder, essa glória, estariam ocultos, por causa das limitações dos seres humanos finitos. Contudo, esse Deus glorioso se aproxima ao homem.

Habacuque 3:5 Adiante dele vai a peste, e a pestilência segue os seus passos.

Havendo descrito algo da glória de Deus em sua essência enquanto vem libertar Seu povo, o profeta agora descreve os efeitos que acompanham a manifestação da glória de Deus. É significativo o fato de que esta fonte irradiadora de luz está se movendo.

A medida que Deus vem como luz personificada, ele traz a força penetrante e destrutiva do juízo divino. Mesmo antes de Deus chegar, a terra é assustada por praga. Referências a praga no AT se enfeixam principalmente em torno dos eventos do êxodo e da profecia de Jeremias. No último caso, o profeta anuncia a destruição de Judá por causa de sua persistência no pecado (cf. Jr 14.11-12; 21.6,9; 24.10; 27.8,13).

Ao declarar este flagelo futuro sobre a terra, o profeta apenas ecoa as maldições pactuais como ameaçadas outrora (Lv 26.25; Dt 28.21-22).

A vingança pactual vem sob a forma de praga que devora os inimigos de Deus, juntamente com todas suas possessões.

Então Habacuque, ao decidir expressar-se em termos das antigas maldições pactuais, fornece evidência de que ele se reconciliou com a justiça de Deus que devastava seu próprio povo, como lhe fora revelado pela resposta inicial de Deus à sua queixa (Hc 1.5-11). Esta aceitação dos justos desígnios de Deus encontra expressão mais completa nos versículos finais do poema (3.17-19).

A teofania em seu avanço deixa um traço de destruição após si. Se as pragas o precedem, a pestilência abrasadora marca a vereda que ele seguiu. O termo “pestilência abrasadora” tem um significado básico de “queimar”, e pode pressupor a figura de faíscas evoluindo enquanto os pés do Senhor pisam a terra. De qualquer modo, a vinda do Senhor é uma visão aterradora de se ver. Quanto mais perto ele chega mais amedrontador parecem ser as consequências de sua aproximação.

Habacuque 3:6 Ele para e faz tremer a terra; olha e sacode as nações. Esmigalham-se os montes primitivos; os outeiros eternos se abatem. Os caminhos de Deus são eternos.

Agora o Senhor realmente chega. As manifestações de sua chegada foram vistas a distância em termos de irradiação de sua glória enchendo a terra.

Mas agora o Todo-Poderoso chega e se torna evidente que ele não é simplesmente um fenômeno a ser observado.

Como um grande colosso que se eleva acima dos cumes dos montes, o Senhor Deus mede a terra, reivindicando o direito de domínio inerente em si mesmo como Criador.

Seu olhar assusta (as) nações. Do mesmo modo que o gafanhoto pula repentinamente com suas pernas desproporcionais, também as nações inteiras pulam assustadas quando de repente se tomam conscientes de que o Senhor chegou.

Ao realçar o significado cósmico da vinda do Senhor, Habacuque descreve o efeito de sua chegada nas massas mais fundamentais da criação. Primeiro, os montes eternos surgem do abismo de águas, que ainda servem de estabilizadores do mundo (cf Gn 1.9). Desde o alvorecer da criação, eles permaneceram resolutos englobando a terra até

hoje. Eles dizem às profundezas do oceano: vocês podem ir até este ponto; mas não além dele (ver Sl 104.9).

À vista do Senhor, porém, essas estruturas maciças são esmigalhadas como se atingidas por uma marreta gigante; elas se mostram frágeis como argila.

Os outeiros eternos rastejam no pó, achatados perante a majestade do Senhor.

Em contraste com a temporalidade comprovada das estruturas fundamentais da presente criação se põe a estabilidade eterna do Senhor.

Seu padrão de atividade tem sido consistente ao longo dos tempos. Sem parcialidade, ele aparece no tempo certo para estabelecer justiça em toda a terra.

Ele vê, mede, vem e aplica sua vontade soberana.

As imagens empregadas por Habacuque atingem um clímax de realização na perspectiva da Nova Aliança. Não só os outeiros se curvam perante sua glória; os elementos mais essenciais do universo se dissolvem em calor abrasador (2Pe 3.10).

O Senhor mesmo descerá no glorioso esplendor das nuvens e todo olho o verá (Ap 1.7). A imparcialidade de seus juízos se manifestará por toda a eternidade.

Habacuque 3:7 Vejo as tendas de Cusã em aflição; os acampamentos da terra de Midiã tremem.

Agora o profeta se toma mais específico em sua descrição dos efeitos da chegada de Deus. Primeiro ele falara do abatimento dos montes à sua aparição e a reação das nações aterrorizadas, em geral (v. 6). Ele antevê o efeito concreto nas nacionalidades, em particular, as quais Israel confrontara no passado.

Cusã e Midiã se referem a dois opressores anteriores de Israel depois de seu estabelecimento na terra de Canaã, enviados por Deus para castigá-los por causa de seu pecado.

Habacuque finalmente aceitou o fato de que um juízo punitivo mais severo deveria sobrevir a Israel por causa de sua persistência no pecado, mas nunca perdeu a esperança de que o remanescente sobreviveria.

Não importam quão temíveis seriam os terrores infligidos pelos invasores babilônios. Habacuque fora levado a um ponto de esperança que não podia ser abalada.

As estruturas de todos os reinos opressivos iriam tremer sob a aflição, mas ele possuía cidadania num reino que jamais será abalado.

Hebreus 10:29-30 De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? Ora, nós conhecemos aquele que disse: A mim pertence a vingança; eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo.

Habacuque 3:8 Acaso, é contra os rios, SENHOR, que estás irado? É contra os ribeiros a tua ira ou contra o mar, o teu furor, já que andas montado nos teus cavalos, nos teus carros de vitória?

Por que o profeta prevê as manifestações da glória de Deus por meio de seu efeito sobre os rios e o mar?

A referência aos rios e ao mar constrói uma montagem de livramentos passados para descrever a ação de Deus no futuro. Um rio frequentemente serve como uma fronteira territorial. Portanto, ferir os rios pressupõe movimentos na direção da posse mais plena das promessas de Deus. O Senhor atingira o Mar Vermelho e o rio Jordão.

Em cada caso, ele fizera seu povo chegar mais perto da plena posse das promessas relativas à terra.

É possível que o rio Eufrates fosse visto como o objeto futuro da ira de Deus. Enquanto os babilônios vinham para amontoar juízo sobre o povo de Deus, eles deviam esperar uma retaliação da parte daquele mesmo que ferira rios e mar no passado.

A manifestação consumada da ira de Deus deve ocorrer nos fins dos tempos, quando os anjos de Deus derramarem uma vez mais as taças da ira de Deus sobre o “mar” e os “rios” (Ap 16.3-4). As fontes de água deverão converter-se em sangue (16.4), e o rio Eufrates deverá secar (16.12).

No contexto do Apocalipse, os juízos antecipados de Deus são descritos em imagens que lembram a ira de Deus como manifesta contra o Egito e a Babilônia.

De qualquer modo, o livro do Apocalipse descreve as mesmas intervenções de juízo encontradas nas previsões proféticas de Habacuque.

Os atos redentores de Deus do passado fornecem a base para uma expectativa com respeito ao futuro.

Interessante é o fato de que Habacuque agora funde as imagens de Juízo e salvação em sua antecipação do futuro. Embora seja o próprio Israel o principal objeto do juízo iminente de Deus, o profeta reconquistou seu equilíbrio e entendeu que mesmo neste evento terrível o Senhor estaria prosseguindo com seus propósitos de redenção.

Deus cavalga seus cavalos e seus carros para salvação.

Esta imagem de Deus cavalgando como um guerreiro poderoso e carros para a conquista do inimigo aparece regularmente nas tradições de Israel.

Deuteronômio 33:26 Não há outro, ó amado, semelhante a Deus, que cavalga sobre os céus para a tua ajuda e com a sua alteza sobre as nuvens.

Isaías 66:15 Porque eis que o SENHOR virá em fogo, e os seus carros, como um torvelinho, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo.

Jeremias 4:13 Eis aí que sobe o destruidor como nuvens; os seus carros, como tempestade; os seus cavalos são mais ligeiros do que as águias. Ai de nós! Estamos arruinados!

À medida que Habacuque encara as devastações de um exército estrangeiro, ele descreve a maior ira e o maior poder encontrados nos próprios carros e cavalos de salvação do Senhor. Nenhuma nação seria capaz de resistir quando Ele viesse executar a salvação de seu povo.

Agora a fé o ensinou que os propósitos da salvação divina avançaram exatamente através dos meandros dessas circunstâncias.

De modo semelhante, Jesus Cristo alertou para o aumento de tribulação que iria afligir seu próprio povo na medida em que os fins dos tempos se aproximassem.

Mesmo nessas circunstâncias, porém, eles devem ser encorajados a esperar sua aparição nas nuvens, com relâmpagos, com o acompanhamento de exércitos militantes dos céus (Mt 24.30).

Habacuque 3:9-10 Tiras a descoberto o teu arco, e farta está a tua aljava de flechas. Tu fendes a terra com rios. Os montes te veem e se contorcem; passam torrentes de água; as profundezas do mar fazem ouvir a sua voz e levantam bem alto as suas mãos.

Se descreve o tirar o seu arco, dramatizando a ação do Guerreiro divino se posicionando para o ataque contra seus inimigos. Algumas vezes o Senhor revela seu poder de maneira modesta (2 Sm 22.36; Sl 113.6-7; Is 57.15).

Mas agora sua ira é provocada, e Ele age com a força total de seus poderes destrutivos. Do mesmo modo que Davi viu o anjo com a espada desembainhada, também Habacuque vê o Todo-Poderoso pronto para colher a vingança sobre seus inimigos.

No lamento de Jeremias sobre a destruição de Jerusalém, o profeta personaliza o ataque do Senhor contra seu próprio povo.

Lamentações 2:4 Entesou o seu arco, qual inimigo; firmou a sua destra, como adversário, e destruiu tudo o que era formoso à vista; derramou o seu furor, como fogo, na tenda da filha de Sião.

Mas agora os inimigos do Senhor é que são os objetos de seu ataque.

Seu arsenal de armas deve focalizar-se neles (Sl 7.12-14).

No juramento da aliança, o Senhor jurou levantando sua mão aos céus que sua espada e setas consumiriam seus inimigos, vingando o sangue de seus servos e pagando com vingança a seus adversários, enquanto usa de misericórdia para com sua terra e seu povo. Habacuque agora discerne que chegou a hora daquele juramento cumprir-se.

Nesse momento se toma óbvio que esse guerreiro que luta pela justiça não é um personagem comum.

Suas armas de guerra incluem os elementos primitivos da criação.

Nenhum inimigo terreno pode resistir a Seus ataques.

Tu fendes a terra com rios, sugere um súbito e terrível aguaceiro.

Mas o que está sendo descrito não é uma tempestade comum.

Pois as águas das profundezas emitem seu estrondo como vozes.

Uma tempestade de águas transborda, de modo que até os montes fogem.

A referência a profundezas reflete as águas que originalmente cobriam inteiramente a terra (Gn 1.2). Portanto, não surpreende que até os montes busquem escapar do dilúvio iminente. Não apenas na criação, mas na enchente das profundezas as águas subiram até cobrir a terra (Gn 7.11). Em seu ataque aos inimigos, o Senhor empregaria os

elementos mais básicos de Sua criação. A menção que se faz de que os abismos erguem bem alto suas mãos busca traçar a imagem das ondas que estendem suas cristas na direção dos céus, subindo cada vez mais alto para envolver o máximo do mundo dentro de seus domínios.

A montagem de imagens do passado, que são empregadas neste momento pelo profeta com o fim de antecipar o ato de juízos divinos futuros, também inclui o triunfo de Deus sobre Faraó no Mar Vermelho. Porquanto ali os abismos os cobriram (Êx 15.5). As águas se separaram como um monte e as profundezas foram congeladas no coração do mar (v. 8).

Embora calamidade e juízo sejam com toda a certeza o tema central do poema de Habacuque, ele também colocou esses juízos no arcabouço do programa progressivo da redenção divina, a fim de redimir seu povo para si. Sim, mesmo Israel pode ser devastado pela imparcialidade dos justos juízos de Deus. Mas, o fato de que os babilônios por sua vez também sofreriam devastação indica que Deus tem propósitos de continuar sua obra no mundo. E se for verdade que “o justificado viverá pela fé”, então a razão para esperança contínua ao longo de todas essas calamidades tem um fundamento sólido sobre o qual construir.

Habacuque 3:11 O sol e a lua param nas suas moradas, ao resplandecer a luz das tuas flechas sibilantes, ao fulgor do relâmpago da tua lança.

Uma manifestação adicional da resposta da natureza ao juízo divino é vista no dramático “O sol e a lua param nas suas moradas”. Esta frase tem a intenção de refletir o “longo dia” de Josué, durante o qual o sol e a lua pararam, permitindo assim que Josué terminasse seu trabalho de juízo sobre os inimigos de Deus.

Esta alusão acrescenta mais imagens em termos de Deus trazer toda a natureza em submissão a seus propósitos redentores.

Nesta fabulosa ordem dos fenômenos espetaculares da natureza, o profeta não deixa o leitor ignorar que é o próprio Senhor, em pessoa, que está por trás dos eventos.

As montanhas Te veem, inspirando seu recuo servil (v. 10).

Tuas flechas e tua lança refulgente levam os poderosos governantes do dia e da noite primeiro a pararem e depois a fugirem aterrorizados (v. 11).

Esta linguagem descritiva encontra seu paralelo mais aproximado no Salmo 77.16-20. De acordo com o salmista, as águas e os abismos viram e tremeram. As nuvens derramaram águas e as setas do Senhor relampejaram aqui e acolá.

Vale a pena observar o final do salmo refletindo sobre o fato de que os caminhos do Senhor eram no mar, e Deus guiou o povo como um rebanho pelas mãos de Moisés e Arão. Esta conclusão sublinha o fato de que essas descrições dos eventos apocalípticos se relacionam primariamente com a obra divina de redenção.

Por meio dessas atividades, o Senhor prossegue com seu plano de libertar seu povo.

Habacuque 3:12 Na tua indignação, marchas pela terra, na tua ira, calcas aos pés as nações.

Nesse momento, a resposta finalmente começa a emergir em resposta à questão anterior. Seria a ira de Deus contra os rios e o mar (v. 8)? Porventura uma ira irracional contra sua própria criação explica a perturbação entre montanhas e abismos. Sol e Lua? Não, é em resposta à perversidade das nações que o Senhor derrama sua indignação. Como um juízo sobre o perverso, ele vem com toda sua maravilhosa glória e marcha pela terra.

As nações têm tentado derrubar o cetro do reinado de Deus. Mas todos seus esforços são em vão. Pois quando o Senhor age, imediatamente se comprova que a terra mal aguenta sua presença, tremendo sob o peso de suas pisadas.

Notem-se outros exemplos da terra se abalando sob a marcha de Deus:

Juizes 5:4 Saindo tu, ó SENHOR, de Seir, marchando desde o campo de Edom, a terra estremeceu; os céus gotejaram, sim, até as nuvens gotejaram águas.

Salmos 68:7-8 Ao saíres, ó Deus, à frente do teu povo, ao avançares pelo deserto, tremeu a terra; também os céus gotejaram à presença de Deus; o próprio Sinai se abalou na presença de Deus, do Deus de Israel.

Habacuque 3:13 Tu sais para salvamento do teu povo, para salvar o teu ungido; feres o telhado da casa do perverso e lhe descobres de todo o fundamento.

Esse versículo nos lembra, uma vez mais, que o panorama geral desse texto é em termos da vinda de Deus para Seu povo, manifestando Sua glória na criação enquanto vem, com isso, trazendo a salvação.

Deus não destrói o perverso simplesmente por fazê-lo. Ele o destrói por amor de seu povo. Deus tem um povo especial (teu ungido) e o salva de seus inimigos.

Pondo-se em contraste com o ungido que prossegue na realização da salvação de seu povo está esse chefe dos perversos que oprime o povo de Deus.

A destruição começa pelo cabeça da família (telhado) e prossegue por toda a estrutura família (fundamentos da casa).

A extensão desse ataque indica a totalidade da destruição.

Habacuque 3:14 Traspassas a cabeça dos guerreiros do inimigo com as suas próprias lanças, os quais, como tempestade, avançam para me destruir; regozijam-se, como se estivessem para devorar o pobre às ocultas.

A ironia de todo o processo de destruição desse inimigo é ampliada pela notificação da autodestruição. Com essa maneira distintiva de operação, o Senhor garante que o inimigo de seu povo sofreria as mais severas humilhações - eles se destroem a si próprios com suas próprias armas.

Com frequência, o povo de Deus se encontra severamente perturbado em virtude de que ele não vê nenhum poder visível tão forte quanto o de seus inimigos. Mas o profeta Habacuque encoraja os fiéis a assumirem uma perspectiva inusitada. Eles

devem olhar para a força do inimigo como sendo justamente a fonte de sua própria proteção. Quanto mais forte o inimigo, mais certa é sua autodestruição. Pois Deus soberanamente suscita poderes e os derruba; ele volta a força do inimigo contra si próprio.

- Hamã se enforca em sua própria força (Et 7.10).
- Os adversários de Daniel perecem na mesmíssima cova de leões onde o jogaram (Dn 6.25)
- Abimeleque e Siquém, rebeldes conspiradores nos dias dos juízes, foram amaldiçoados com a maldição da autodestruição (Jz 9.19-20).
- Enfrentando uma coligação poderosa de nações inimigas, Judá sob o reinado de Josafá foi instruído a permanecer imóvel e ver a salvação do Senhor (2Cr 20.17).
- Etc

Nesse contexto está o próprio profeta. Ele não é apanhado no momento desta gloriosa visão da vinda do Senhor, de tal modo que ele se exclua da terrível ação no qual o povo de Deus é atacado pelo inimigo. Não! Ele sente que também deverá sofrer o impacto da ferocidade do inimigo. Talvez como o mensageiro da Justiça e juízo, ele se vê como o objeto especial de sua ira, da mesma maneira que todos os profetas de todas as gerações. Como o ponto crucial do homem na confrontação da verdade e do erro, ele sabe que não pode isentar-se de sua fúria.